

Idealização do mundo e leitura do lugar nos espaços de religiosidade: entrevistas realizadas nos territórios populares de Belo Horizonte

World Idealization and Readings of Religious Spaces: interviews undertaken in popular territories in Belo Horizonte

Daniel Medeiros de Freitas, Carolina Maria Soares Lima e Bernardo Miranda Pataro*

Resumo

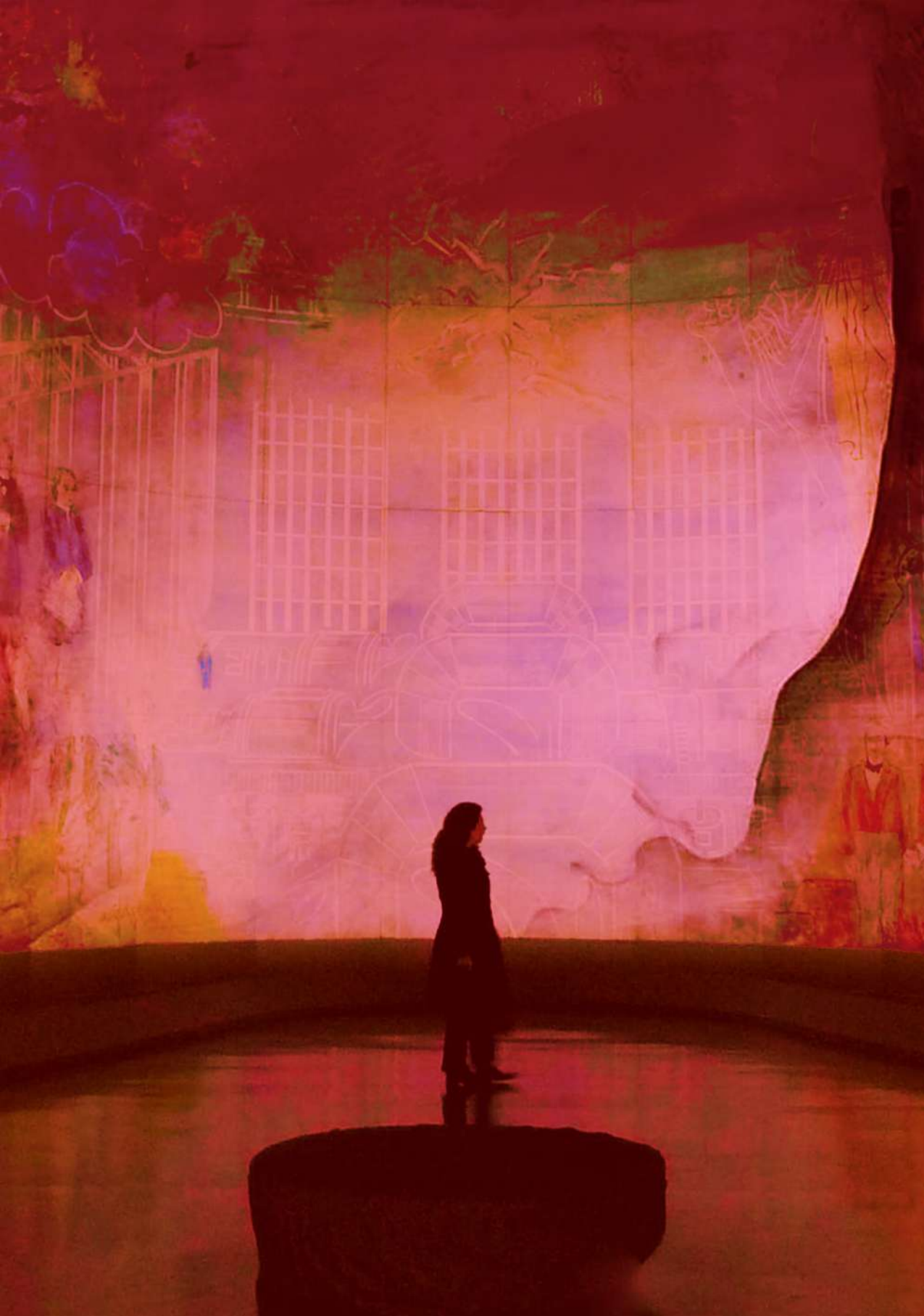
O artigo apresenta reflexões formuladas a partir de entrevistas realizadas entre 2018 e 2020 sobre os espaços de religiosidade nos territórios populares de Belo Horizonte. Situada na interface entre o campo dos estudos religiosos e dos estudos urbanos, em especial a faculdade de idealização do mundo e a leitura do lugar, a pesquisa em curso mapeia e analisa mecanismos de construção de visões de mundo das religiões, com ênfase no pentecostalismo, a partir das interações entre diferentes vertentes e localidades do movimento pentecostal e deste com outras crenças. Para tal, está sendo necessário avançar na construção de um referencial teórico-metodológico que possibilite uma visão pluralista das percepções dos fiéis e seu contexto histórico, político, cultural e urbano. Como resultado preliminar apresentamos hipóteses desenvolvidas a partir das entrevistas e uma breve agenda de pesquisa em curso sobre o tema.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, espaços de religiosidade, pentecostalismo, leitura do lugar, Belo Horizonte

Abstract

The article presents results from interviews conducted between 2018-2020 about the spaces of religiosity in the popular territories of Belo Horizonte. Located at the interface between the field of religious studies and urban studies, especially the faculty of idealization of the world and the reading of the place, the ongoing research maps and analyses mechanisms of assembling Pentecostal worldviews out of interactions between different strands and localities of pentecostal movement and between Pentecostalism and other beliefs. To this end, it is necessary to advance in the construction of a theoretical-methodological framework that allows a pluralist view of the perceptions of the faithful and their historical, political, cultural and urban context. As a preliminary result, we present hypotheses developed from the interviews and a brief ongoing research agenda on the topic.

Keywords: *interdisciplinarity, spaces of religiosity, pentecostalism, reading of place, Belo Horizonte*



Introdução

O artigo é resultado de pesquisa iniciada em 2018 que, por meio de entrevistas qualitativas e visitas de campo, aproxima o campo dos estudos religiosos ao campo dos estudos urbanos e leitura do lugar, analisando os mecanismos de estruturação das visões de mundo dos fiéis a partir de interações entre diferentes vertentes do movimento pentecostal e sua relação com outras religiões.

O objetivo do artigo é apresentar os procedimentos utilizados no mapeamento dos imaginários espaciais religiosos e as primeiras reflexões teórico-metodológicas desenvolvidas entre 2018 e 2020. É objetivo secundário discutir, por meio da fala dos entrevistados, o impacto espacial e sociopolítico do crescimento do pentecostalismo, destacando as implicações e reações à pandemia da Covid-19. Os desdobramentos da pesquisa incluem reflexões transdisciplinares de aproximação do objeto, tendo como principais entradas as narrativas e visões de mundo registradas. Para tal, o artigo foi dividido em três partes. A primeira descreve a realização das entrevistas e seus desdobramentos metodológicos. A segunda aprofunda a articulação com o referencial teórico-metodológico situado no campo dos estudos religiosos, fenomenologia aplicada à leitura do lugar e estudos sobre o espaço urbano. A terceira discute os principais resultados e questões que estruturam a continuidade e ampliação da pesquisa.

Parte I. Método de realização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas em quatro etapas. A primeira, realizada a partir da visita a territórios populares da cidade de Belo Horizonte no primeiro semestre de 2019, entrevistou presencialmente 23 pessoas entre moradores das ocupações Eliana Silva (7 entrevistas) e Carolina de Jesus (7 entrevistas) e estudantes da Escola Estadual Maria Carolina Campos (9 entrevistas)[1]. A segunda etapa foi realizada no primeiro semestre de 2020, já no contexto de isolamento em função da pandemia da COVID 19, tendo como propósito testar metodologias de entrevistas remotas e incluir questões relativas às práticas espaciais da religião no contexto de isolamento e distanciamento social. A terceira etapa, também

realizada de forma remota no segundo semestre de 2020, entrevistou exclusivamente fiéis das igrejas neopentecostais. Na segunda e terceira etapa foram realizadas 9 entrevistas a partir de aproximação por meio de snowball-method, ou seja, começando com as pessoas que os pesquisadores tiveram contato durante o trabalho de campo antes da quarentena e, depois, solicitando indicações para que mais pessoas fossem contatadas e entrevistadas[2]. Na quarta e última etapa foram realizadas duas entrevistas em maior profundidade, com referências do Candomblé e do Neopentecostalismo.

Todas as entrevistas utilizaram metodologia semiestruturada em torno de perguntas abertas e que possibilitassem maior interação com o entrevistado e registro amplo dos temas abordados. Para definição do escopo das perguntas e das estratégias de abordagem dos temas, sobretudo devido à necessidade das entrevistas online, as entrevistas-teste realizadas na segunda etapa foram fundamentais para a consolidação da estrutura atual e continuidade da pesquisa. Além das entrevistas-teste, foram utilizadas referências relacionadas a métodos para realização de entrevistas online por meio de mensagens instantâneas. No lugar de grupos focais remotos e uso de formulários estruturados, optamos por realizar entrevistas online nos moldes apresentados por Barratt e Maddox, que consiste na utilização de plataformas como o WhatsApp ou Telegram (ambos muito populares no Brasil) na condução de questões de modo próximo a uma conversa casual, visando proporcionar uma melhor compreensão das situações por parte dos pesquisadores (BARRATT; MADDOX, 2016).

Sobre o registro das informações, na primeira etapa das entrevistas havia, além das entrevistas presenciais, a produção de mapas colaborativos. Durante o isolamento social esse produto foi inviabilizado, ora pela dificuldade do entrevistado desenhar sozinho em casa, ora pelas restrições no envio dos desenhos para o pesquisador. Nas etapas seguintes, o My Maps da suíte Google foi a ferramenta de mapeamento que apresentou maiores vantagens, por isso passou a ser utilizada no processo. Dessa forma, durante as entrevistas, foram solicitadas informações sobre a rotina e indicações de locais frequentados antes e durante a pandemia. Enquanto os

entrevistados falavam, os pesquisadores elaboravam um mapa-esboço e mostravam os resultados, no qual os entrevistados podiam opinar e ajustar os mapas. De modo complementar, o mapeamento das práticas espaciais considerou também a questão do tempo, dimensão fundamental do cotidiano e que impacta diretamente a experiência espacial na cidade. Quando questionados sobre suas rotinas, os entrevistados forneceram diversas informações sobre o tempo de deslocamento e o tempo de permanência nos locais, incluindo limitações impostas pelas longas distâncias a serem percorridas e situações de contato com a fé durante o deslocamento, por exemplo, durante longas viagens de ônibus. As informações acima foram organizadas por meio de prismas espaço-temporais que, frequentes no campo da geografia, possibilitam visualizar as possibilidades de uso e apropriação do espaço atreladas às falas dos entrevistados, registrando o espaço percebido e como a imaginação e percepção podem influenciar as práticas espaciais. Sobre a estrutura da entrevista, as etapas combinaram as questões apresentadas no Quadro 01 com um exercício cartográfico voltado para a análise da percepção espacial e registro por meio de mapas mentais e mapas colaborativos.

Primeira etapa de entrevistas (presencial)	A. Questões introdutórias 1. Descreva-se como uma pessoa de fé. Qual é sua tradição religiosa, qual igreja você frequenta? 2. Em qual grau sua fé influencia em sua vida? 3. Até que ponto sua fé segue os ensinamentos de sua igreja? Se há quaisquer diferenças, por favor descreva-as.
	B. Questões relacionadas ao mapa 1. Onde você mora? 2. Onde fica a igreja e/ou templo que você frequenta? 3. Por favor mostre (desenhe) quaisquer lugares importantes para você por causa de sua fé. Há lugares onde você se sente mais próximo a Deus? 4. Por favor indique (desenhe) quaisquer lugares que você tende a evitar por razões relacionadas à sua fé.

<p>Segunda e Terceiras etapas de entrevistas (remota)</p>	<p>A. Questões relacionadas à rotina</p> <p>1. Onde você mora? Que lugares você vai?</p> <p>2. Como é sua rotina? Lugares que você costumava ir e como você costumava se mover?</p> <p>3. Se você sair, como você se move?</p> <p>4. O bairro em que você mora oferece todos os serviços de que você precisa?</p> <p>5. Se você se protege, como o faz?</p> <p>6. Como você passa seus dias de trabalho e aos domingos?</p> <p>7. Como era antes da quarentena?</p>
	<p>B. Questões sobre rotina e religião (antes da pandemia)</p> <p>8. A qual igreja eles pertencem? Se possível, informe o endereço - é perto de sua casa?</p> <p>9. Você costumava ir aos templos antes da quarentena? Com que frequência? Se não, porque não? Se a razão for que eles não estão comemorando nada, você iria se eles estivessem comemorando?</p> <p>10. Você ou algum membro da sua família vai a igrejas? Você sente falta de ir a igrejas / templos?</p> <p>11. Que práticas você tem que o fazem se sentir conectado?</p>
	<p>C. Questões sobre rotina e religião (durante a pandemia)</p> <p>12. Se não houvesse uma igreja perto de sua casa, você estaria disposto a viajar longas distâncias no meio da pandemia para ter acesso a uma igreja?</p> <p>13. Como você e a comunidade da sua igreja estão adaptando sua conexão com Deus sem ir aos templos?</p>

<p>Quarta etapa de entrevistas (remotas)</p>	<p>14. O que você acha do COVID19? Qual é a sua principal fonte de informações sobre o COVID19?</p> <p>15. Em sua opinião, a fé religiosa é um componente importante na luta contra o avanço da COVID-19? Por quê?</p> <p>16. A igreja que você frequenta emitiu alguma recomendação em relação à COVID-19? Você concorda com eles?</p> <p>17. É a favor ou contra medidas de quarentena e isolamento social na luta contra a COVID-19?</p> <p>18. Você é um trabalhador essencial? Existe algum trabalhador essencial em sua casa? Você precisa sair por algum motivo?</p> <p>19. Você considera as igrejas um serviço essencial? Por quê?</p> <p>20. Quais são os locais sagrados para você durante a quarentena? Onde você se sente conectado a Deus? (Se você pudesse desenhar ou esboçar)</p> <p>21. Durante e antes da quarentena, você consome conteúdo de mídia sobre sua religião ou fé?</p> <p>22. Você participa de algum WhatsApp ou grupo de internet da igreja a que pertence?</p> <p>23. A igreja que você frequenta oferece algum tipo de serviço à distância, como orientação espiritual ou algum tipo de aconselhamento pela Internet?</p>
	<p>As entrevistas realizadas com as referências do Neopentecostalismo e do Candomblé foram realizadas com base nas perguntas das segunda e terceira rodadas. Contudo, estas entrevistas foram mais extensas e permitiram uma conversa menos estruturada com os entrevistados.</p>

A estrutura das perguntas toma como ponto de partida a compreensão da rotina em relação aos locais frequentados e, no que diz respeito à religião vivida[3], visa delinear como a religião se fundamenta etnograficamente e, também, como se relaciona com o cotidiano do fiel. Partindo da premissa da religião enquanto categoria sociológica, busca-se compreender sua influência na vida, no cotidiano e na rotina do fiel, afetando diretamente a percepção e o uso do espaço. Já as perguntas relacionadas à própria igreja/religião, nos permitiu mapear as relações de proximidade, deslocamento e alguns dos critérios de localização e escolha dos templos frequentados. Sobre os rituais individuais, as respostas revelaram como e onde as pessoas se sentem conectadas à sua fé, se sozinho ou em grupo, se no quarto, na igreja ou na natureza, por exemplo. Neste sentido, nos interessava verificar em que medida o contato remoto com as igrejas alterou a intensidade e a qualidade do uso dos espaços individuais e privados dos fiéis.

Sobre as questões relacionadas à pandemia, as respostas permitiram compreender o modo como alguns fiéis têm a igreja como principal fonte de informação e onde a ciência, a religião e a política se encontram no imaginário desse grupo específico de fiéis. Além disso, foi uma oportunidade de verificar a importância da fé no enfrentamento da pandemia, na manutenção do contato físico apesar dos riscos, na busca de ajuda na igreja e no compartilhamento de informações decorrentes de outras instituições e grupos. Nas questões sobre trabalho e lugares essenciais durante a pandemia foi possível correlacionar a exposição dos fiéis aos riscos da rotina de trabalho com os riscos relacionados à atividade religiosa que não se apresenta como um risco isolado. Também sobre a pandemia, as respostas possibilitaram avançar na compreensão da influência das igrejas nas decisões dos fiéis e se essa influência havia aumentado devido à maior presença de líderes religiosos de maior alcance midiático.

Sobre a questão espacial, as entrevistas permitiram avançar pouco na leitura do lugar, havendo ainda pouca informação sobre a conformação espacial e as atividades, sobretudo em função das limitações encontradas, mas permitiram avançar na formulação de hipóteses relacionadas à percepção dos fiéis e

especialização das práticas religiosas. No entanto, para além da inserção dos espaços de religiosidade na cidade (dimensão externa) e das especificidades observadas na espacialização dos rituais (dimensão interna), o contato com os fiéis nos permitiu avançar sobre uma dimensão fundamental da leitura do lugar: o modo como as visões de mundo afetam sua percepção e concepção dos espaços articulados a uma dimensão transcendental, conforme será discutido na construção do referencial teórico-metodológico a seguir.

Parte 2. Referencial teórico-metodológico

O principal desafio teórico-metodológico da pesquisa é a construção de uma aproximação transdisciplinar dos espaços da religiosidade a partir da pergunta inicial, a saber, *como a religião afeta a maneira como as pessoas percebem, representam e agem no território?* A referência utilizada como ponto de partida foi a obra *Total Urban Mobilisation: Ernest Junger and the Post-Capitalist City* (Nawrotek, 2018) que adota uma perspectiva focada na *inclusão radical* e em uma estrutura metodológica orientada pela *visão estereoscópica* desenvolvida por Junger. Para tal, o autor discute possibilidades de uma cidade pós-capitalista para além da lógica individual e orientada por uma unidade não homogênea, e pelo conceito de pensamento messiânico e objetivo transcendente, tal como pensados por Jacob Taubes (2009), passando por reflexões sobre potenciais diálogos com a sintaxe espacial e a leitura do lugar. Neste primeiro momento da pesquisa, utilizamos apenas parte dos conceitos e questões desenvolvidas pelo autor, enfatizando a dimensão messiânica e transcendente do diálogo entre os imaginários religiosos e o espaço urbano, atentos ao papel da religião no cotidiano e na faculdade de idealização do mundo dos entrevistados.

O papel da religião na faculdade de idealização do mundo, conforme Durkheim (2003), decorre do argumento de que as condições materiais não representam o fator primordial através do qual a vida e história são produzidas (DURKHEIM, 2003). Para o autor, a consciência coletiva se forma através da reunião de consciências particulares que dependem da reunião de indivíduos que passam a compartilhar ideias, preocupações e

anseios. A religião nasce dessa reunião, atuando como elemento de coesão no grupo social, conforme será observado, e auxilia o homem a interpretar a realidade em que vive, conseguindo influenciar suas decisões relativas às suas necessidades fisiológicas e materiais - como o ato de jejuar ou compartilhar de riquezas com aqueles que nada tem. A faculdade de idealizar, argumenta Durkheim representa uma característica essencial do ser humano para ele ser considerado um ser social, condição indispensável e indissociável da existência do homem para ele poder refletir e produzir a vida social (DURKHEIM, 2003). Segundo o autor, a vida social exige que o indivíduo seja capaz de pensar para além de si mesmo, ou seja, utilizar a imaginação e ideias para criar uma realidade que deve também acomodar outras ideias.

O ideal pessoal origina-se, assim, do ideal social, à medida que a personalidade individual se desenvolve e se torna fonte autônoma de ação. Mas se se quer compreender essa aptidão, aparentemente tão singular, para viver fora do real, basta vinculá-la às condições sociais de que depende. (DURKHEIM, 2003, p. 501).

Avançando no argumento, Durkheim defende que a religião representa a capacidade que uma sociedade possui de pensar sobre si mesma, ou seja, a capacidade de abstrair e se enxergar de fora (DURKHEIM, 2003). A própria definição e diferenciação do que é sagrado e profano relaciona-se a forças e entidades que não residem apenas no mundo empiricamente observável. Essa diferenciação seria para o autor o mais fundamental exercício de idealização realizado pelo ser humano, uma vez que ela só é possível através da substituição do mundo em que o indivíduo se encontra para outro ao qual ele se transporta na imaginação.

Outro aspecto essencial para o conceito de religião, ainda de acordo com Durkheim, é a diferenciação entre a esfera sagrada, proveniente de um plano divino, e profana, que corresponde à nossa existência terrena e ordinária (DURKHEIM, 2003). Tais esferas representam realidades inteiramente distintas e separadas, mas que, além de se relacionarem de alguma forma, também se manifestam em nossas vidas mundanas. Esse relacionamento demanda o estabelecimento de um conjunto

de crenças e ritos - representações das características das coisas sagradas e destas com as coisas profanas; e regras que normatizam a forma com que o homem religioso lida com o sagrado. Para Mircea Eliade, que diferentemente de Durkheim adota uma perspectiva mais individualista e para além da religião como produto exclusivamente de relações sociais, tal diferenciação é fundamental para definir o campo de atuação das religiões assim como entendermos a forma com que a religião e o indivíduo religioso atuam na realidade e como isso representa um modo específico de viver e interagir com o mundo (ELIADE, 1981).

Sem perder de vista a frequência com que Mircea Eliade recorre a metáforas espaciais para explicar a dicotomia sagrado-profano, essa diferenciação, a princípio, não diz respeito a um espaço, área ou região, mas à delimitação de fronteiras entre o que pertence ao nosso mundo e o que tem origem em uma dimensão superior, divina. O sagrado poderia, por exemplo, se manifestar em um objeto, construção, atividade ou até mesmo em uma pessoa. Devido à importância que a igreja possui para a religião, gradualmente ela relacionou essas esferas com a noção de espaço, ou seja, o templo entendido como um local qualitativamente distinto dos demais. A medida que os indivíduos adquiriram maior autonomia para interpretar as escrituras, ensinamentos e práticas religiosas o uso das categorias sagrado e profano para se referir a diferentes aspectos da realidade social torna-se mais comum.

Para lidar com a diferenciação entre o sagrado e o profano recorreremos à proposição de Droogers de uma abordagem que inclui três dimensões para o estudo da religião: a *dimensão interna*, que inclui os mecanismos de poder representados pela relação entre padres e pastores e entre crentes e leigos; a *dimensão externa* que inclui a relação dos crentes com as forças seculares; e a dimensão transcendental que corresponde às crenças, intermediadas pelas características culturais de cada contexto e se manifestando na relação dos religiosos com Deus (DROOGERS, 2011).

Grande parte do esforço da pesquisa realizada consistiu em reconhecer essas três dimensões nos chamados espaços de

religiosidade, ou seja, nos lugares que afetam e são afetados pelas dimensões internas, externas e transcendentais das religiões. Partindo da influência da fenomenologia e sua compreensão dos fenômenos sociais através do aparato cognitivo do indivíduo, que difere e tensionam as abordagens marxistas-materialistas discutidas adiante, adotamos categorias de lugar e espaço cujos significados variam de acordo com a subjetividade de cada indivíduo, podendo ser influenciado por sua perspectiva religiosa. Este tensionamento se orienta pela construção de uma metodologia inclusiva e orientada pela *visão estereoscópica* desenvolvida por Junger que, no nosso estudo de caso, parte da construção e tensionamento entre diferentes pontos de vista sobre determinado objeto.

A conceituação do lugar a partir da fenomenologia, ou seja, a partir do modo como as pessoas atribuem valor, experimentam e interpretam os lugares que habitam (TUAN, 1990), nos permite trabalhar duas definições complementares: (i) o lugar enquanto *locus* da identidade de um indivíduo ou comunidade; e (ii) o lugar enquanto escala da vida cotidiana (CASTREE, KITCHIN, ROGERS, 2003). Nas abordagens mais próximas à primeira definição, a identidade dos lugares é geralmente compreendida a partir, por um lado, da construção e manutenção de vínculos sociais, e, por outro lado, do papel que exerce sobre as relações de poder, resistência e luta. Enquanto *locus* da identidade, o lugar é entendido não só como parte da formação e regulação de comportamento do sujeito, mas também como um processo que envolve relações sociais de cooperação e/ou antagonismo entre agentes. Já as abordagens mais próximas ao lugar enquanto escala da vida cotidiana, investigam o modo pelo qual os agentes produzem geografias locais em resposta a diferentes contextos, sendo o lugar marcado pela experiência direta do mundo e do ambiente em que se vive, dimensão fundamental para o entendimento do cotidiano na cidade, sendo campo de longa tradição na geografia humanista e nos estudos urbanos.

Nesse sentido, portanto, em consonância com a proposta apresentada por Nawratek, a presente pesquisa parte da noção de lugar tanto como *locus* da identidade quanto da vida cotidiana (NAWRATEK, 2018). Essa abordagem nos permite operacionalizar o conceito das três dimensões de Drooger uma

vez que esse conceito não diz respeito a um lugar específico, mas a qualquer lugar onde relações sociais e de poder ocorram entre a esfera religiosa e/ou secular (DROOGER, 2011).

A vida nos centros urbanos depende de atividades que são realizadas em lugares específicos, sejam eles públicos ou privados. A noção de lugar como *locus* de identidade e da vida cotidiana não impõe barreiras às relações e vínculos que os indivíduos estabelecem nos e pelos lugares por onde transitam, havendo assim sobreposição com as dimensões interna, externa e transcendental de Droogers (2011). O templo, por exemplo, pode influenciar a formação de identidade de um indivíduo e simultaneamente fazer parte das três dimensões já citadas.

É no lugar que se manifestam as práticas espaciais cotidianas, que podem ser influenciadas pela prática religiosa mas, em simultâneo, é no lugar que se constroem as relações sociais subjetivas nas quais a dimensão social, apresentada por Durkheim, é materializada. O potencial da religião de gerar coesão social, nos termos de Durkheim, é mediado pelo lugar em que as atividades religiosas ocorrem, uma vez que tais lugares são importantes tanto para o compartilhamento de experiências e fortalecimento de vínculos sociais entre os crentes quanto à formação de uma visão de mundo comum. A capacidade de idealizar o mundo é essencial para a formação da dimensão transcendental, posto que tal dimensão representa a relação do indivíduo religioso com a esfera sagrada.

Para reconhecer a dimensão transcendental na leitura dos lugares, e o modo como se articula com as dimensões interna e externa dos movimentos religiosos, acionamos, ainda de modo ensaístico, as seguintes referências teórico-metodológicas: a dialética tridimensional lefebvriana e o *habitus* bourdiano, brevemente explicadas, uma vez que norteiam os desdobramentos da pesquisa em andamento, mas cujo aprofundamento e aplicação sobre a empiria apresentada ultrapassa as possibilidades do artigo.

A dialética tridimensional proposta por Lefebvre engloba as práticas espaciais, as representações do espaço e os espaços de representação (LEFEBVRE, 1974). Esta última dimensão nos permite reconhecer as normas, as experiências sociais

e, no nosso caso específico, quais os espaços profanos e sagrados, ou quais os espaços necessários à vida e à fé. Para o autor, todos os espaços percebidos precisam ser, primeiro, concebidos (representações do espaço), demandando um discurso, mapa, imagem ou descrição e, também, uma vivência (prática espacial). A utilização dessa dialética tridimensional pode potencialmente colaborar para análises que articulam o espaço percebido aos espaços concebidos e vividos pelos fiéis, atento à influência da dimensão transcendental nessa construção. A dialética tridimensional proposta por Lefebvre difere da tradição fenomenológica presente, por exemplo, nas três esferas de Canter para quem a leitura do lugar é apreendida pela articulação entre suas características físicas (forma), as práticas espaciais (atividades) e a percepção das pessoas (sentido) (CANTER, 1977). Nossa intenção é tensionar as duas abordagens na análise das entrevistas, testando e calibrando seu potencial de captura da dimensão transcendental.

De modo complementar, acionamos o conceito de *habitus* na obra de Bourdieu como estratégia de aproximação ao modo como Droogers explica, de modo articulado às três dimensões, a atribuição de significados por meio dos conceitos de *repertório* e *esquema* no estudo das religiões. Para Droogers, o *repertório* diz respeito ao conjunto de ações, atitudes e emoções internalizados pelo indivíduo em seu processo de socialização que lhe servirá de referência sobre como agir nos diferentes contextos sociais em que ele transita, operacionalizado através de esquemas. Os *esquemas* são unidades que articulam os modos de agir em práticas e condutas - acionadas de acordo com a necessidade (DROOGER, 2011). A predisposição à ação presente nos conceitos nos aproxima do *habitus* bourdiano e o que abre, por meio do diálogo com a pesquisa de Droogers (2011), uma possibilidade de compreensão mais ampla dos códigos e símbolos relacionados com a religião e o modo como são ativados pelos crentes e demais agentes que participam dessa lógica da prática. Nessa perspectiva, o *habitus* oferece um caminho potencial de apreender o papel da dimensão transcendental na construção da visão de mundo dos fiéis e, também, como objetivo secundário, nos auxiliar na compreensão do modo como os agentes agem na dimensão interna (campo

da religião) e externa (campo da política, economia, cultura) por meio do modo como se integra aos demais conceitos de campo, agente e capitais em Bourdieu. Nas entrevistas, conforme será retomado, diversos repertórios e esquemas estruturaram um *habitus* diretamente relacionado à fé do entrevistado e sua ação no campo.

Em resumo, o que se busca é experimentar a construção de uma matriz que articula a leitura do lugar de tradição fenomenológica com as três dimensões dos espaços de religiosidade enfatizando a predisposição à ação (*habitus*) e a dialética tridimensional do espaço. A essa matriz de análise foi necessário ainda sobrepor três categorias espaciais recorrentes na fala dos entrevistados: a casa, a rua e o templo. Tendo estes como o lugar da família e do privado, o lugar do trabalho e dos encontros e o *locus* da dimensão interna da religião, respectivamente.

Parte 3. Análise das entrevistas

A análise das entrevistas realizadas[4] foram organizadas em três grandes grupos: (a) importância do templo e dos encontros presenciais; (b) a religião nos contextos digitais e no período de afastamento social; e (c) o papel da fé no enfrentamento da pandemia.

Entrevistado	Filiação Religiosa	Data da entrevista	Meio de contato
E1. Estudante de ensino médio, 18 anos.	Espírita	Junho de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios
E2. Estudante em preparação para a Ordem Católica, 22 anos.	Católico	Junho de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios
E3. Autônoma, 23 anos.	Evangélico	Setembro de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios

E4. Pastor/ Técnico de Informática, 49 anos.	Evangélico	Outubro de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios
E5. Médica, 24 anos.	Católica	Junho de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios
E6. Estudante universitária, 23 anos.	Umbandista	Junho de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios
E7. Advogado, 25 anos.	Candomblecista	Junho de 2020	Aplicativo de mensagem - áudios
E8 - Estudante Universitária, entre 20 e 30 anos.	Neopentecostal	Março de 2021	Videoconferência

3.1. A importância do templo e dos encontros presenciais

A importância dada ao templo na fala dos entrevistados não remete necessariamente ao espaço construído. O templo “não é um espaço sagrado, mas situações sagradas” (E.1), no qual os fiéis se sentem “conectados quando cercados de pessoas com a mesma crença” (E.1) em uma “casa que congrega todos que partilham da mesma fé e do mesmo sentido”(E.2) e onde as pessoas “deixam de ser um indivíduo e passam a fazer parte de um todo” (E.2). Essa situação conforma para os fiéis o “lugar da presença de Deus, o lugar da intimidade sagrada com Deus” (E.2). Também é um lugar de aprendizado, onde o fiel “vai aprender a palavra com o pastor, que tem o entendimento da palavra” (E.3).

É ainda o lugar de socialização, “lugar de encontrar amigos, família e criar memórias afetivas” (E.2).

Durante o período de afastamento social, houve relatos de que o convívio com as pessoas fez mais falta que o espaço em si. Durante a pandemia, o acesso ao templo, na fala do pastor entrevistado (E.4), segue as regras de higiene e desencoraja a presença de pessoas com alguma comorbidade, embora não seja possível “fechar a porta na cara dessa pessoa, nós recebemos, porém tomamos os devidos cuidados com ela” (E.4). Segundo o entrevistado, a comunidade na qual o templo está situado “não tem muito esse temor de doença e essas coisas” (E.4) e, exceto durante o curto período de proibição da atividade, os cultos foram realizados, embora com menos pessoas. É interessante notar, ainda, que a presença da crença de que o vírus não deveria ser temido pode influenciar na percepção dos agentes até mesmo sobre um fato científico, para além da percepção da política e do espaço. Sobre a proibição da atividade, vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas em um período no qual houve um intenso debate nacional sobre a natureza essencial do serviço prestado pelos templos durante o período da pandemia[5].

Outra dimensão dos espaços de religiosidade é a descrição de encontros realizados no monte no qual as pessoas, seguindo a história de Jesus Cristo, iam “para o monte orar, buscar reforço espiritual” (E.4). Neste espaço, conformado em lugar que assume temporariamente as atribuições do templo, seriam realizadas campanhas e encontros geralmente “uma vez por semana, sempre à noite, para reuniões e conversas com presença de pastores e missionários” (E.4). Para o entrevistado, o monte é “o único espaço que nós temos assim de fé, que nós temos como sagrado, ou é o templo ou o monte” (E.4).

É recorrente nas entrevistas a diferenciação entre o templo e a casa, o primeiro como o espaço de comunhão, congregação, socialização, aprendizado e pertencimento de determinado grupo, “o espaço para você estar com as outras pessoas e para você conversar, fazer o culto com as pessoas que compartilham a mesma fé” (E.8). Já a casa aparece nas falas como o espaço para reflexão, meditação individual, “só você fechado em um quarto ou uma sala” (E.8), “meu espaço com Deus” (E.8).

Há ainda uma interessante distinção entre as religiões cristãs e as de matriz africana em relação à diferenciação entre espaço sagrado e espaço profano. Em um dos relatos de um fiel de religião de matriz africana, “o sagrado está presente em tudo, não há o profano” (E.6), enquanto para os entrevistados cristãos, há uma diferença entre os espaços sagrados e os espaços profanos, ainda que com grande dificuldade de delimitação entre estes. De tal modo, pode-se avançar na hipótese de que as religiões influenciam o uso dos espaços a partir da percepção do seu caráter profano ou sagrado e, a partir dessa distinção, orienta as possibilidades de uso e apropriação do espaço (e também da produção do mesmo) por meio de regras e valores definidos pela religião.

3.2. A religião em contextos digitais e o afastamento social

Os entrevistados relataram uma grande quantidade de atividades realizadas à distância, não apenas relacionadas ao período de afastamento social, mas como práticas e rotinas já incorporadas no dia a dia, entre outras: grupos de *WhatsApp*, redes sociais, vídeos disponíveis *online*, *podcasts* e, mais recentemente, reuniões, grupos de oração e cultos remotos. Os eventos descritos acontecem geralmente com periodicidade semanal e podem ser acompanhados individualmente ou em grupos familiares. Nesse contexto, fica evidenciada a percepção do templo como uma ideia, mais do que a materialização de um espaço construído, sendo consistente de uma rede de fiéis que proporciona apoio e coesão entre os pares.

Foi recorrente nas entrevistas a correlação entre as atividades remotas e a possibilidade de conexão com Deus em lugares de maior privacidade, onde “eu consigo ter o meu íntimo em casa, qualquer lugar que eu estiver eu consigo ter a minha intimidade com Deus” (E.3). Entre os espaços de maior privacidade foram citados quartos, salas e, no caso de uma entrevistada (E.6), espaços naturais abertos e cursos d’água. Em alguns casos, o espaço doméstico é adaptado, por exemplo, com um oratório e uma imagem de Nossa Senhora no quarto onde o entrevistado “rezava todos os dias acendendo uma vela, sua Igreja durante a pandemia”, ou mesmo no espaço de convívio da casa onde “sua família tinha uma imagem na sala de estar, onde eles se

reuniam para rezar em família” (E.2). Outra vantagem apontada sobre o acesso remoto foi a de que “no culto *online* a gente consegue escolher através do título a pregação daquilo que a gente quer ter entendimento” [sic] (E.3), fala que também reforça outro aspecto presente nas entrevistas, a preocupação com o aprendizado para evolução espiritual. Por fim, um dos entrevistados mencionou que o acesso remoto poderia alimentar o argumento de que os templos não seriam atividades essenciais ou exclusivas para a realização dos cultos (E.5).

A partir do que foi observado no item anterior é possível aferir que o templo desempenha um papel central na manifestação e expressão da religiosidade dos fiéis entrevistados. A fala do pastor indica que, apesar dos riscos e restrições, persiste a necessidade de alguns fiéis estarem presentes neste espaço onde ocorre sua experiência religiosa em grupo. Grande parte da distinção desse espaço em relação à rua e à casa decorre da percepção socialmente compartilhada entre os fiéis de que ele compreende um espaço sagrado e atua como catalisador das atividades que ali ocorrem. Nas experiências remotas, essa característica mais difícil de ser substituída, embora as experiências de oratórios e cultos em família busque se aproximar dessa condição e recriar um espaço, ainda que temporário, de exercício dessa prática. Uma segunda dimensão do templo, o lugar do encontro e trocas sociais, é melhor substituída pelas redes sociais, que procuram manter o contato e a comunicação entre os fiéis. Há ainda uma terceira dimensão do templo, o lugar de pregação e aprendizado, que parece ser o que melhor se adequa à comunicação remota e ocupa grande parte da manutenção do contato entre o fiel e a vertente religiosa a que se vincula. Nos termos de Droogers, pode-se trabalhar com a hipótese, a ser confirmada nos desdobramentos da pesquisa, que existe um esforço de manifestação de um aspecto da dimensão transcendental dos templos, sobretudo no interior das casas, aspecto mais presente no pentecostalismo e neopentecostalismo, para quem a proximidade com Deus ocorre majoritariamente na escala do indivíduo e com menor mediação institucional (DROOGERS, 2011).

3.3 O papel da fé no momento de pandemia

Geralmente, os entrevistados afirmaram que a fé é muito importante no atual momento de pandemia, exceto para uma das entrevistadas para quem a “origem do vírus é humana e mesmo pessoas que possuem a fé forte e vão à Igreja estão morrendo” (E.3). Diferentes entrevistados afirmaram que a importância da fé agora reside em sua capacidade de fornecer algum tipo de conforto, otimismo (E.1), oferta de “calma e esperança, elementos essenciais para se enfrentar a pandemia” (E.7) e a sensação de que “tudo ficará bem” (E.1). Há o entendimento de que a fé é fundamental para pacientes isolados, funcionando como “uma ferramenta de cura” e como “alguma coisa na qual nos agarramos e que nos dá esperança”, “se você tem fé, isso te dá força para lutar e não desistir” (E.5).

A influência da fé nas ações de cuidado em relação ao vírus aparece em uma das entrevistas para quem a religião “não mudou minha reação natural à pandemia em relação a tomar os cuidados e me isolar, mas eu acho que emocionalmente me ajudou muito a lidar com isso” (E.8). Em uma das falas, a dimensão transcendental pode ser reconhecida a partir do entendimento de que “isso aqui é provisório, isso aqui é passageiro, eu não estou ligada às coisas materiais, eu amo as pessoas que estão à minha volta, mas elas não são aquilo que eu mais amo” (E.8), dimensão na qual o fiel afirma que não sente o medo da morte que muita gente sente e “isso foi o que me trouxe muito mais calma do que algumas pessoas, eu acho, me deu menos ansiedade” (E.8). O tema foi citado de modo mais amplo, por exemplo, “a fé é capaz de ajudar em questões como sentimentos de ansiedade, insegurança e temores” e “a esperança é muito importante, uma vez que o ceticismo, niilismo e racionalismo ao extremo nos leva a uma vida pessimista e resignada. A esperança representa uma base que nos traz propósito e significado” (E.7).

Ainda de modo mais amplo, a importância da fé foi associada à capacidade de alteridade e transformação uma vez que “a religião tem um enorme potencial para modificar as coisas, porque a religião pega muito da essência da pessoa, aquilo que ela acredita” (E.8), “todo mundo quer o bem, eu acho que isso é

uma grande motivação para repensar a cidade” (E.8), e ainda, “a fé é capaz de auxiliar a aprimorar nossa visão de mundo” (E.7). Para um dos entrevistados, “justamente em função dessas dificuldades que as pessoas estão enfrentando na pandemia é que eu acredito que as igrejas retornaram” (E.4), nesses momentos em que as pessoas se sentem desamparadas é que elas nos procuram e as orientamos a ter calma, fé, a orar, a buscar. Isso traz para a pessoa um certo alívio” (E.4).

Partindo para as considerações finais, a principal contribuição da articulação entre a pergunta proposta, o referencial teórico metodológico e a análise das entrevistas, foi a potencial aproximação, ainda preliminar, entre o campo dos estudos religiosos e o campo da análise espacial, de modo a delinear uma agenda de pesquisa em torno da articulação entre as dimensões internas, externas e transcendentais da religião. A opção por destacar o efeito da pandemia sobre as entrevistas foi inevitável e, ao mesmo tempo, fundamental por revelar novas percepções sobre os espaços de religiosidade e sobre o papel da fé no cotidiano e na predisposição à ação dos fiéis. Ao mesmo tempo, a pandemia afeta estruturalmente a diferenciação entre templo, casa e rua, fazendo emergir contradições e limites que impactam as dimensões internas e externas da religião, mas afetam especialmente a dimensão transcendental, perspectiva geralmente invisibilizada nas análises e debates sobre a influência da religião durante a pandemia.

Nossa expectativa de que a religião, por meio sobretudo de sua dimensão transcendental, influência na percepção e na imaginação espacial, foi identificada em diversos momentos das falas dos entrevistados. A sobreposição de funções do templo em oposição à intimidade privada das casas, a configuração de um espaço sagrado temporário no monte, a indiferenciação entre sagrado e profano nas religiões de matriz africana em oposição à diferenciação observada na tradição cristã, as percepções sobre o papel da fé em momento de crise, são situações que afetam e são afetadas pela maneira como as pessoas utilizam, vivenciam, percebem, representam e agem sobre o espaço. Analisando a partir da dimensão interna da religião, existe um potencial conflito entre um projeto messiânico, mais próximo da perspectiva transcendental e orientado pela ampla difusão

e compartilhamento da fé e seu aprendizado, e um projeto de poder, estruturado pela permeabilidade a uma dimensão externa de cada religião, que afeta a ação e as regras do campo religioso, gerando debates sobre a gestão institucional e sobre os fundamentos teológicos, ambos afetando a configuração espacial. Finalmente, impossível não mencionar, mais próximo de uma análise da dimensão externa, a religião, sobretudo o neopentecostalismo, como um agente político que afeta o campo político e econômico nacional e local, implicando em reestruturações no espaço urbano, sobretudo nos territórios populares, dimensão presente apenas de modo indireto na fala dos entrevistados.

Para avançar nas questões acima, o referencial teórico metodológico apresentado precisará ainda ser ajustado a novas rodadas de pesquisa e, sobretudo, análise espacial, capazes de consolidar melhor a articulação entre os conceitos e, ao mesmo tempo, não perder a necessária visão estereoscópica sobre a complexidade do objeto.

Notas:

1: A escolha do estudo de caso da primeira etapa dialoga com desdobramentos da pesquisa “O sistema de exclusão nos eixos de expansão periférica da RMBH”. Na segunda e terceira etapa, diante da dificuldade de realização de visitas de campo e contato com as comunidades, o recorte territorial inicial foi ampliado para toda a cidade de Belo Horizonte.

2: Cabe registrar o desafio de contactar e entrevistar fiéis, muitas vezes relacionados ao mesmo grupo social e que indicam pessoas de seu próprio ciclo, recaindo nos mesmos contatos já fornecidos. A melhor maneira de entrar em contato com pessoas de fora dos grupos entrevistados seria retornar à igreja e conhecer mais pessoas, o que, durante a pandemia, se tornou mais difícil do que no período normal.

3: O conceito de religião vivida adotado nesta pesquisa entende a religião não como um conjunto de práticas, rituais e ensinamentos institucionalizados que se manifestam da mesma maneira em qualquer ponto do espaço, mas através das experiências religiosas vivenciadas pelos indivíduos nas circunstâncias socioculturais em que se encontram, de forma que a compreensão dessas experiências necessariamente deve passar pela compreensão do contexto local. (REIS, 2018).

4: É importante ressaltar o caráter qualitativo da presente pesquisa cujo escopo de investigação não possui alcance suficiente para realizar generalizações a respeito das comunidades de que os entrevistados fazem parte, todavia expõe dados que indicam processos relevantes sobre as questões analisadas.

5: No Brasil, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal de 15/04/2020, cada unidade da federação tem autoridade para definir quais serviços serão considerados essenciais e devem permanecer funcionando – ainda que com restrições- ou não. A decisão foi contrariada pelo Ministro Kássio Nunes Marques ao determinar que as igrejas e templos fornecem serviço essencial ao prover acolhimento e conforto espiritual para a sociedade. No entanto, em 08/04/2021 o STF se reuniu e decidiu contra a abertura de templos e igrejas, devolvendo a prerrogativa aos estados e municípios.

Referências

BARRATT, Monica J.; MADDIX, Alexia. **Active engagement with stigmatised communities through digital ethnography. Qualitative research**, v. 16, n. 6, p. 701-719, 2016.

CASTREE, Noel; KITCHIN, Rob; ROGERS, Alisdair. **A dictionary of human geography**. Oxford University Press, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DROOGERS, André. The power dimensions of the Christian community: an anthropological model. In: **Play and Power in Religion**. De Gruyter, 2011. p. 143-168.

ELIADE, Mircea. Tradução de Luis Gil Fernández. **Lo sagrado y lo profano**. Barcelona: Labor, 1981.

LEFEBVRE, Henry. **La production de l'espace**. Paris: Ed anthropos, 1974.

NAWRATEK, Krzysztof. **Total Urban Mobilisation: Ernst Jünger and the Post-Capitalist City**. Springer, 2018.

TAUBES, Jacob. **Occidental eschatology**. Stanford: Stanford University Press, 2009.

TUAN, Y. F. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes and values**. New York: Columbia University Press, 1990.

STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19. *In*: STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>. Acesso em: 15 maio 2021.

REIS, Livia. 2018. **Ser Universal: crentes engajados e práticas cotidianas na cidade de Maputo**. Tese de doutorado, PPCIS/UERJ.

***Daniel Medeiros de Freitas** é professor adjunto do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG. Arquiteto, doutor em arquitetura e urbanismo pelo NPGAU EA/UFMG. E-mail: danielmedeirosdefreitas@gmail.com

Carolina Maria Soares Lima Mestre em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da UFMG. Geógrafa pelo IGC/UFMG, pesquisadora no Observatório da Diversidade Cultural e no Observatório das Metrôpoles e Analista de Investimento Social no Prosas. E-mail: carolmsoares98@gmail.com.

Bernardo Miranda Pataro Estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFMG. Analista Internacional pela PUC-Minas e Cientista Social pela Fafich/UFMG, pesquisador no grupo Religião na Contemporaneidade. E-mail: bernardompataro@gmail.com/